

Abílio Diniz, Aloísio Nunes, Abreu Sodré, Montoro e Bresser Pereira: empresários paulistas assistem ao programa com

Sarney - Discurso

23 JUL 1985

O GLOBO

Empresário: discurso reafirma o papel da iniciativa privada

SÃO PAULO — Para Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar, o discurso de Sarney teve o mérito de reiterar que a iniciativa privada é o carro chefe do desenvolvimento econômico do País. Mário Amato, Presidente em exercício da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) também gostou do pronunciamento e prometeu a Sarney o apoio dos industriais para a execução do seu plano de Governo.

Entre os empresários ligados às empresas multinacionais, a repercussão do discurso do Presidente José Sarney foi bastante boa. Dois deles, o Presidente da Associação Nacional dos Veículos Automotores, André Beer, e o Vice-Presidente da Goodyear do Brasil, Manoel Garcia Filho, considerou o pronunciamento do Presidente "um ponto de partida" para a defini-

ção das diretrizes econômicas do Governo. "O discurso servirá para tranquilizar ainda mais os empresários", disse Beer.

O Presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur Donato, elogiou os pontos de vista defendidos por Sarney. Ele destacou três pontos do discurso como coincidentes com as teses que vêm sendo defendidas pelo empresariado: a ênfase no papel da livre iniciativa, a redução dos juros e altura contra o desperdício.

— Agora fica difícil não ter esperança — completou.

No setor comercial, a reação também foi de apoio e entusiasmo. Em Porto Alegre, o Presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, César Rogério Valente, disse que Sarney "deixou explícito que o caminho para a

superação dos graves problemas sociais está na iniciativa privada" e pediu à Nação que entenda que é impossível superar da noite para o dia o atual quadro social. Em Recife, o Presidente da Associação Brasileira de Supermercados, João Carlos Paes Mendonça, aplaudiu o discurso, mas alertou para a necessidade de se agir cautelosamente na política de salários, para que não se comprima ainda mais o poder de compra das classes assalariadas.

O Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Amaury Temporal, declarou que o empresariado nacional reagirá positivamente ao apelo de um pacto econômico. Temporal acha que a viabilidade do pacto está condicionada, porém, a uma maior liberdade de iniciativa no País.

No Planalto, entusiasmo pelo programa

BRASÍLIA — Em meio a um clima de euforia na Secretaria de Imprensa do Palácio do Planalto, que recebia sucessivos telefonemas de parabéns pela qualidade do discurso, o Presidente José Sarney ligou para o Secretário Fernando César Mesquita para dizer que havia gostado do programa transmitido pela televisão. E aproveitou para perguntar qual era a opinião dos jornalistas que estavam na sala.

— O senhor assumiu compromissos que serão cobrados pela Nação — disse um repórter.

— É muito melhor assumir compromissos do que não fazê-lo — respondeu o Presidente.

Antes de desligar, Sarney ainda brincou com Mesquita, a quem chamou de "meu analista". O Secretário explicou que costuma pilheriar, classificando o Presidente de "perfeccionista", por alterar repetidas vezes os textos que escreve.

Antes de Sarney, Mesquita recebeu um telefone de Dona Marly, que considerou "excelente" o programa. A Primeira Dama, que costuma ser rigorosa em relação aos atos do Governo e não gosta de elogios fáceis, foi quem insistiu para que o texto original, cuja leitura duraria 43 minutos,

fosse condensado na versão para a TV, que acabou sendo de 28 minutos.

— Ninguém vai aguentar um discurso de 43 minutos — foi o argumento de Dona Marly, acatado pelo Presidente.

O Secretário Particular e genro de Sarney, Jorge Murad, estava entusiasmado.

— Foi muito bom, foi ótimo — disse em telefonema para o Secretário de Imprensa.

Quem, também telefonou, foi o ex-Secretário Especial da Presidência, o publicitário Mauro Salles.

— Foi tão bem produzido o programa que tive a sensação de que durou muito menos de meia hora. Só não gostei de algumas expressões, como "teorema" e "dogmático", complexas para parte da população — comentou.

Na versão transmitida pela TV, Sarney mudou palavras em 26 parágrafos e suprimiu inteiramente outros 18. Introduziu apenas um acréscimo, ao se referir ao "protecionismo dos países desenvolvidos, que fecha as portas às nossas exportações e nos impõe, unilateralmente, juros exorbitantes". Ao completar com a frase "para pagá-los teríamos de sufocar a nossa economia", ele acrescentou: "Isso nós ja-

mais faremos."

Foram excluídos parágrafos inteiros, alusivos ao programa de alimentação básica, à "tradição diplomática de coerência e justiça que orgulha a todos" e um onde diria que "a educação é o primeiro e mais rentável dos investimentos públicos". No texto original havia uma frase do Papa João Paulo II — "O povo tem nome" — que foi suprimida no pronunciamento pela TV. O mesmo ocorreu com uma frase de Joaquim Nabuco: "Não basta libertar os escravos, é necessário dar-lhes terra e educação." Também cortou a frase "a imprensa e os modernos meios de comunicação visual, múltiplos e livres, são resultado e causa da liberdade".

Apesar da insistência dos jornalistas, o Secretário de Imprensa não quis autorizar fotos do Presidente e de Dona Marly assistindo ao pronunciamento. Mesquita não quis confirmar se a recusa se devia ao incidente da semana passada, durante a reunião com os Governadores, quando os jornalistas foram responsabilizados pelo sumiço de alguns cinzeiros. Ele limitou-se a dizer que Sarney não queria ser incomodado em sua intimidade.

SEM ÔNUS

A direção da Rede Globo informou ontem à Secretaria de Imprensa da Presidência que nada cobrará pela produção do programa com o discurso de Sarney.

— A direção comunicou que foi uma colaboração da Globo ao Governo — disse Fernando César.

Segundo o Secretário de Imprensa, a produção, que mobilizou uma equipe de 12 pessoas, chefiada pelo ator e diretor Paulo José, foi considerada excelente pelo Presidente e pelos Assessores do Planalto.